

Ventente

ANO 1 - Nº 2 - RJ / FEV97

VOLTADO PARA A PRODUÇÃO CULTURAL DESTINADA À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE

Foto: Geraldo Stefano



ILO KRUGLI

e o teatro VentoForte

Bia Bedran
em seu 1º
show para
adultos



Helena
Severo
cultura até
o ano 2000



EDITORIAL

Caminhamos até o número 2, nosso terceiro número. E com certeza caminhamos em direção ao que pretendemos.

O Número 1 foi uma estréia, como todas, nervosa, e onde pretendemos não errar. E acertamos. Mas não era hora ainda de ousar. Queríamos apontar uma direção. E apontamos. O segundo veio com um aprofundamento de abordagem, reiterando nossa proposta de polemizar, discutir, e propor questões.

O Número 2 chega já com uma nova proposta gráfica, reformulado o nosso padrão de diagramação, incluída uma charge central, mensal, e uma "tira" exclusiva para o VERTENTE; com um personagem criado por FERRETH, exclusivamente para o jornal. Uma reportagem também exclusiva com a Secretária de Cultura Helena Severo e uma entrevista com o "mestre" Ilo Krugli, completam essa parte de nossa caminhada.

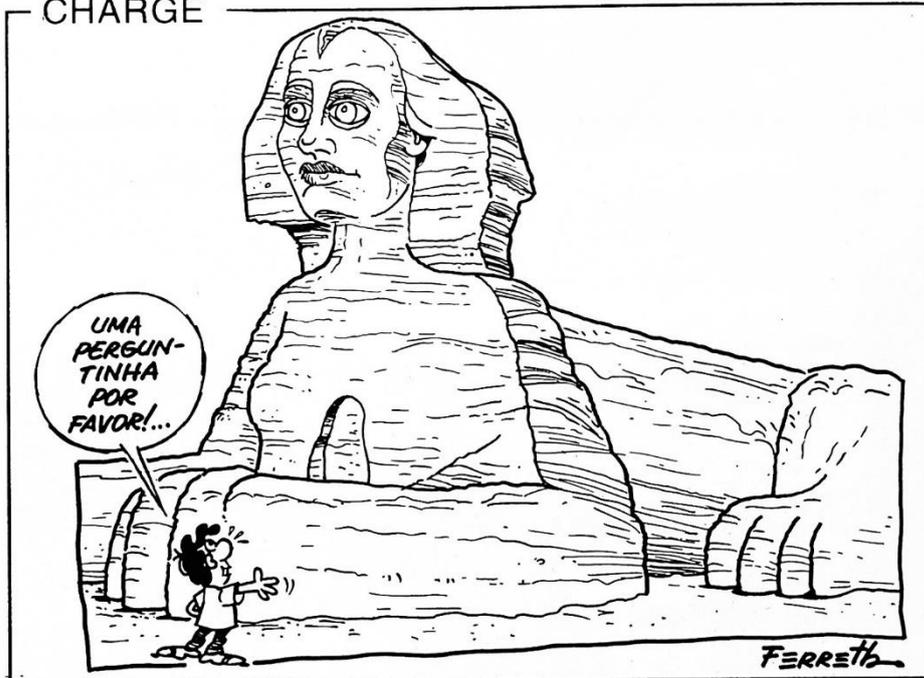
O número dois une o aprofundamento e a polemização das matérias, com a reformulação gráfica; equilibra matérias informativas, com artigos e ensaios; traz já uma diversidade equilibrada que busca o público em geral e não só o especialista, embora acreditemos que este último encontre, em nossas páginas, vasto material de seu interesse.

Dessa forma, neste caminho, começam a chegar as cartas vindas principalmente de São Paulo, parabenizando o jornal e mostrando que nosso público maior tem sido o professor e o arte-educador. que tem encontrado em nossas páginas matéria de suporte ao seu trabalho.

Nosso editorial tem acompanhado o crescimento do JORNAL VERTENTE; conceituado, aqui, seguidamente. Temos utilizado este espaço, quase sempre, para uma reflexão conjunta sobre a progressão e crescimento desta publicação, aguardando, sempre, a manifestação do público. Uma tiragem de 15.000 exemplares, em mais de 80 pontos de distribuição, garantem, com certeza, uma quantidade considerável de leitores.

Somos todos ouvidos para que possamos continuar nesta caminhada de aperfeiçoamento, antenados com o nosso público, pois este é nosso objetivo.

CHARGE



EXPEDIENTE

Editor Responsável: Carlos Augusto Nazareth

Conselho Editorial: Benita Prieto, Lúcia Cerrone, Lúcia Jurema, Marco Auré.

Editoria de Literatura: Benita Prieto

Colaboradores: Anja Bittencourt, Benita Prieto, Bernardo Jablonski, Caique Botkay, Eva Spitz, Ferreth, Flávio Graff, J. Longuiño, Karen Accioly, Léo Cunha, Lúcia Fidalgo, Maria Cecília Mendes, Maria Helena Nazareth.

Supervisão Editorial: Flávio Graff

Reformulação do Projeto Gráfico e Diagramação: Gustavo Paso

Ilustração: Flávio Pessoa

Distribuição: Luís Lemos

Jornalista Responsável: Marco Antônio Henriques Reg. 16.001

OS CONCEITOS EMITIDOS EM ARTIGOS ASSINADOS SÃO DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES.

Rua Vicente Licínio, 154 - Tijuca - tel/fax: 569-5680

Tiragem mensal de 15 mil exemplares

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL: MARCELO MARTINS

Cartas

☒ "Fiquei feliz com o jornal onde posso compartilhar as dúvidas e questões que realmente nos preocupam (...) nos dá sensação de alívio ao ler palavras de pessoas experientes e que trabalham com seriedade."

Sílvia Sasaoka - Arte-educadora
São Paulo - SP

☒ "(...) fiquei encantada com este jornal. Feliz também por saber que nasce uma publicação exclusivamente voltada às preocupações que tiram o sono dos arte-educadores."

Fátima Paiva - Arte-educadora
São Paulo - SP

ONDE ENCONTRAR

RIO DE JANEIRO

AMAI
Bibliotecas populares do RJ (20)
Casa da Gávea
Casa da Leitura
Casa das Artes de Laranjeiras
Casa de Cultura Laura Alvim
Casa de Rui Barbosa - Livraria
Catsapá
Centrinho de Artes do Meier
C. Cult. Banco do Brasil
C. Cult. Calouste Gulbenkian
C. Cult. Cândido Mendes

C. Cult. da SBAT
C. Cult. CIEE
C. Cult. Gama Filho
C. Cult. Laurinda Santos Lobo
C. Cult. Oduvaldo Viana Filho
Clube Mackenzie
Clube Municipal
Esc. de Dança Maria Olenewa
Esc. de Música Antônio Adolfo
Esc. de Música Villa Lobos
Esc. de Teatro Martins Pena
Esc. Nacional de Música
Espaço Cultural dos Correios

Espaço Novo
Espaço das Artes
Estação Botafogo
Estação Paissandu
Esp. Unibanco de Cinema
Grajaú Tênis Clube
Livraria Malasartes
Livraria Pé de Página
Livraria Ler e Ver
Museu da República
Museu do Telefone
O Tablado
Paço Imperial

Planetário da Gávea
Sindicato dos Artistas
UNI-RIO - Biblioteca
TEATROS DA CIDADE (35)

PETRÓPOLIS

Biblioteca da UCP
Bibl. Mun. Gabriela Mistral
C. C. Tristão de Athaide
Livraria Livromania
Livraria Obelisco
Livraria Pump

FRIBURGO

Nova Friburgo C. Club

NITERÓI

CINE-ART UFF

VOLTA REDONDA

GACEMSS

SÃO PAULO

Cent. Cult. Vergueiro
Teatro Ventoforte

Helena Severo e seu super-plano de governo

As palavras de ordem são continuidade e formação de novas platéias

Helena Severo, mais uma vez à frente da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, informa que a palavra de ordem da nova administração, agora sob a batuta de Luís Paulo Conde, é continuidade.

De fato, são muitos os projetos na área da Secretaria de Cultura que deram certo, outros que estavam se iniciando e que precisam, portanto, se desenvolver, ampliar, ganhar mais peso, ter continuidade. Não há porque mexer no time, se está ganhando, deve pensar Helena Severo, satisfeita com os resultados de sua administração passada, com um investimento em torno de 70 milhões/ano. "De certa forma, ou melhor, de toda a forma, houve uma retomada vigorosa do investimento cultural na cidade com resultados expressivos", declara Severo.

O importante é prosseguir com a principal meta de seu governo: formar novas platéias e assim ampliar o mercado para o produto cultural brasileiro, ao mesmo tempo que participa da educação do povo desta cidade, tão desassistido. Para isso, é fundamental atingir alunos e professores, afirma. "A gente vai ter uma política mais agressiva junto à educação. Temos vários projetos que visam abrir clareiras no público jovem e infantil como A Escota vai ao Cinema, que, só no ano passado, levou 30 mil crianças para assistir ao cinema brasileiro.

Mas não só cinema; estamos pensando em atingir esse público em todas as áreas ampliando projetos que já estavam sendo colocados em prática, como visitas guiadas aos museus, programando concertos no Carlos Gomes e muito mais", revela. A sua Secretaria está se sintonizando com a demanda educacional do município, através da criação de um núcleo de atuação nesta área, do qual participa ativamente a Secretaria Municipal de Educação.

Sem abrir mão das novidades, que dão sabor à mídia, Helena Severo entra 1997 na expectativa de que o orçamento, em vias de ser votado pela Câmara dos Vereadores, no mês de fevereiro, lhe seja bastante favorável. Afinal, entre os seus planos, está aquele que será a "pièce de resistance" de seu governo: a construção do Museu do Universo, que é uma extensão do Planetário; obra gigantesca de difusão da ciência, que já está na metade e deve inaugurar a sua cúpula ainda este ano, garante.

Nela, informa a professora Severo, já foram gastos, até agora, 20 milhões de dólares e acredita-se que a obra toda será concluída em dois anos,

com a parceria da área de Ciência e Tecnologia. A rigor, o Museu do Universo vai incorporar uma idéia antiga, acalentada pela Secretária, de criar um Museu da Criança. Sim, porque o Museu do Universo vai ser prioritariamente direcionado à criança. A diretora do Planetário, Graça Salgado, dá mais detalhes. Só a cúpula que se inaugura ainda este ano, terá lugar para 290 pessoas, e vai apresentar, através de tecnologia super-avançada, projeções a laser, sessões de cinema hemisférico - em 180 e 360 graus - com equipamento importado da Alemanha, com capacidade de simular vôos, viagens interplanetárias ou de balão, como ocorre no Museu espacial

"A gente vai ter uma política mais agressiva junto à educação. Temos vários projetos que visam abrir clareiras no público jovem e infantil"

de Washington. "Vamos exibir também filmes como um musical do Pink Floyd, que se presta a este tipo de projeção" se entusiasma Graça.

Ela está coordenando também as outras atividades do Planetário que serão ainda mais dinamizadas. Haverá três lançamentos de livros infantis por mês, sempre com a presença de grupos de contadores de história; programação contínua de teatro infantil nos fins de semana; lançamento dos filmes de Nelson Pereira dos Santos, em vídeo, para o público universitário, dentro da proposta da Riofilme - prioritária para esta administração - de formação de platéia para o cinema brasileiro. Além de tudo isso, o Planetário, a partir de abril, vai dar continuidade ao projeto de oferecer todas as segundas-feiras palestras; este ano, tematizadas em um "Balanço do século XX".

Em maio, o Planetário vai abrir espaço para uma feira de Ciência direcionada ao público

jovem e infantil, totalmente *hightech*, movida portanto a computadores e simuladores. Ainda estão sendo programados concertos - um de música clássica e outro popular - também dentro da política de formação de platéia.

Neste campo - de formação de platéia - a RIOFILME terá papel preponderante. "A ação que mais importa é a da formação de novos espectadores. Por isso todos os nossos projetos têm a ver com a escola e com o universitário", informa o seu presidente, o crítico e fotógrafo de cinema José Carlos Avelar. Assim a Riofilme, em convênio com a Cineduc, vai continuar levando professores de cinema para dar aula em escolas e faculdades em ritmo mais acelerado. Também continuará promovendo sessões de cinema com debate nos campus universitários com críticos e realizadores.

Divulgação



Helena Severo preocupada com a formação de platéias

continuação da página 3

“A ação que mais importa é a da formação de novos espectadores. Por isso todos os nossos projetos tem a ver com a escola e com o universitário.”

A experiência adquirida na gestão passada provou que a repercussão é a melhor possível. Essas sessões, segundo Avelar, funcionam como espécie de pesquisa para se descobrir como o público reage diante dos filmes brasileiros, do que mais gostam e desgostam. “Com isso há uma troca cultural importante, entre espectadores e realizadores, coisa que se fazia muito na época do Cinema Novo, quando proliferavam os cineclubes, o que dava um ótimo resultado”, diz.

Com a mudança do mercado, hoje mais voltado para vídeo, os cineclubes desapareceram e deram lugar a videoclubes. O que não é a mesma coisa. Fora isso, a Riofilme continua atuando na co-produção de filmes, nas finalizações e na produção de 12 curtas por ano, passa para vídeo a obra dos nossos principais cineastas, além de se ocupar da estratégia de distribuição dos filmes nos cinemas sitiados pelo filme estrangeiro.

Helena Severo almeja também concretizar nesta administração um Museu do Móvel, proposta pelos antiquários da rua do Lavradio e dar seguimento aos projetos Música nas Igrejas, Carretá da Cultura, Palco sobre rodas, Menu cultural, Teatro é vida (apresentações nos hospitais da rede) e ampliar a rede de bibliotecas criando mini centros culturais nas comunidades. Além do Copacabana Palace, o teatro do BNH também está sendo negociado para ser parte do patrimônio cultural do município e funcionar como

uma grandecentro de referência da Dança.

Ocupar os teatros da rede com peças infantis nos finais de semana é o melhor que a Secretaria poderá fazer pelo teatro infantil - pois não será desta vez que haverá um teatro especialmente voltado para o público infantil.

“Reconheço que o teatro infantil precisa de espaço próprio; é uma reivindicação antiga da classe, eu já venho pensando nisso há muito tempo, mas este ano não vai dar.”

“Reconheço que o teatro infantil precisa de um espaço próprio, é uma reivindicação antiga da classe, eu mesma já venho pensando nisso há muito tempo, mas este ano não vai dar”, diz, categórica Helena Severo.

Em todo o caso o público infanto-juvenil será recompensado com grandes empreendimentos. Na rua Siqueira Campos, num prédio pertencente à prefeitura, de quatro andares, haverá salas de leitura, pequeno teatro e livraria,

aberta ao público, como informa Vera Mangas, diretora do departamento de Documentação e Informação Cultural da SMC. As 20 bibliotecas fixas da rede estarão equipadas com tv e vídeo, enquanto que as 6 bibliotecas volantes continuarão percorrendo as zonas mais desfavorecidas promovendo eventos com contadores de história e grupos de teatro. Sem falar na atualização incessante do acervo, que já está em 350 mil livros.

De resto, a Secretaria continuará promovendo através da RIOARTE seus programas de bolsas destinadas à criação e pesquisa, o projeto literário Perfis do Rio coordenado pelo crítico Wilson Coutinho, a segunda versão do RioCena Contemporânea (que traz ao Rio companhias de todo o mundo), a Mostra de Novos Coreógrafos, o Salão Carioca de Arte, os concursos Stanislaw Ponte Preta de Literatura.

Todos os projetos estão sob a coordenação de Maria Julia Pinheiro, que finalmente nos informa: todos os projetos são feitos em parceria com a empresa privada, graças a lei de incentivo fiscal, que abate 20% do INSS das empresas que participam de projetos culturais. ■

Eva Spitz
Jornalista

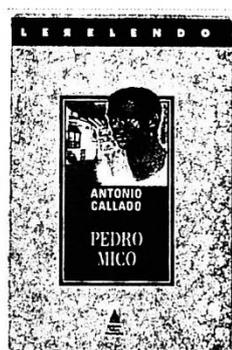
L E R E L E N D O

A série que resgata os clássicos

R\$9,00



R\$9,00



R\$9,00



R\$10,00



Tel:(021)537.8770

Fax:(021)537.8710

novufr@embratel.net.br

O Piauí tem história!

Projeto Contar Contos com Multimeios movimenta Teresina

O Piauí é conhecido pela pobreza e calor insuportável, inclusive um ditado da terra diz: "No Piauí nem o vento é fresco". Brincadeiras à parte, seria bom que descobríssemos esse lugar cheio de belezas naturais e iniciativas como as de Maria Cecília Mendes.



Ouvir histórias foi uma constante em minha infância. Dois quadros registrei na memória. No primeiro, eu e meu irmão Antônio, à noite, deitados numa rede, de costela com nossa tia Lourdes Rebelo, éramos embalados ouvindo os tradicionais contos de fada e muitas histórias da vida dos santos. Ainda hoje, de vez em quando, me vem a imagem de um misterioso Santo Onofre que se vestia com os próprios cabelos, longuíssimos, ou com o milagre de Santa Isabel, a Rainha, transformando alimentos escondidos no avental, em rosas, flagrada pelo marido que a proibira de distribuir comida aos pobres.

O segundo quadro tem como cenário as fazendas de Campo Maior onde eu passava as férias escolares. À noite, moradores da vizinhança vinham para a casa grande contar os "causos" da região. Eram quase sempre episódios apavorantes de aparições, de visagens, almas e lobisomens nas beiras de riachos, açudes e caminhos da zona rural. Creio que desta época data o surgimento, em mim, do gosto pela leitura prazerosa. Ele foi alimentado por encontros diversos com outros contadores de histórias. Quando jovem, iniciada minha formação para o Magistério, tive a honra de ser aluna de Malba Tahan que, em Teresina, ministrou curso sobre Arte de Ler e Contar Histórias. Ele incentivava o professor a desenvolver as habilidades de contar histórias porque "todo professor é um contador de histórias".

Outras lições sobre o tema encontrei nos livros de Betty Coelho, Fanny Abramovich e Duane Hutchinson. Além disso, conheci uma palhaça norte-americana que contava histórias com fantoches e bonecos de dedo. Na Itália vi o "constastorie" Alessandro Gigli narrando "A Bela e a Fera" e "Pinóquio" com o acompanhamento de uma moviola e apontando imagens em enorme painel de tecido pintado. Vi, então, que quando o contador de histórias não tem o talento de Benita Prieto e Roberto Carlos Ramos, pode e deve recorrer a auxílios audiovisuais que o ajudem a prender a atenção do auditório.

A CCEPLAR, Fundação Centro de Cultura e Educação Permanente Lineu Araujo, oferece a crianças e adolescentes projeto de Arte-Educação onde o contar histórias integra sua programação semanal. Foi lá que tive a inspiração de espalhar a idéia por outros pontos da cidade. Assim nasceu o projeto Contar Contos com Multimeios em Teresina, que se desenvolve com o apoio do Banco Itaú, via UNICEF. Foram treinados 38 contadores de histórias, que atuam em diversas entidades.

"Cantando Histórias" resume a experiência de integração de manifestações culturais e expressivas acima de tudo, constitui um incentivo à leitura - instrumento de cidadania.

"Cantando Histórias" é composto por seis contos da Literatura infanto-juvenil e uma fábula da tradição oral traduzidos para a linguagem musical. São narrativas que viraram canções; duas delas já integram peças de teatro de bonecos.

O Kit compreende uma fita cassete inteiramente gravada em Teresina e um livreto. A fita contém dez músicas inspiradas em histórias diversas de autores cujas obras admiramos pela mensagem libertadora que transmitem. A composição de todas as músicas é do artista piauiense Enes Gomes.

O livreto apresenta as músicas, letra e partitura e diz da origem de cada uma. É uma produção, inédita, por suas características, no Piauí. ■

Maria Cecília Mendes

Presidente da Fundação Cultural Mons. Chaves
Piauí - Teresina

CCEPLAR
Rua Raimundo da Paz, 150
Bairro dos Noivos Teresina - Piauí

Mensageiro Virtual

Tenha diariamente um mensageiro para realização de suas tarefas pelo menor custo, com maior agilidade

➤ **CONTRATO MENSAL COM DIREITO A 01 TAREFA/DIA, OU 20 TAREFAS/MÊS, PARA REGIÕES CENTRO/ZONA SUL:**

APENAS R\$ 67,00



A MANEIRA MAIS SIMPLES, ECONÔMICA E EFICAZ DE CONTRATAR UM MENSAGEIRO.

CONFIRA!!!

Av. Nilo Peçanha, 50/1107
RJ - CEP 20.020-100
Fone: 240-6099
FAX: 262-0522

Teatro de animação - o mundo mágico dos bonecos

Um resgate cultural necessário para a formação de novas platéias

O Teatro de bonecos - de títeres - como preferem muitos, é expressão do teatro popular, praticado desde a antiguidade, e que chegou ao Brasil por volta do século XVI. No mundo antigo tinha caráter sagrado; nos dias de hoje, totalmente profano, recebe denominações diversificadas: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas: "Briguella" ou "João Minhoca"; na Bahia: "Mané Gostoso"; Pernambuco: "Mamulengo".

A força de sua linguagem

A linguagem do teatro de bonecos tem, além de sua força própria, a força do teatro popular, quando se utiliza dos tipos e temas oriundos do povo, feitos pelo povo, para o povo, onde o "mamulengo", em Pernambuco, continua sendo sua expressão mais viva.

Da mesma maneira que a "Farsa" e a "Commedia de L'Arte" o teatro de bonecos trabalha situações e personagens retirados da trama social que retrata e critica. Tomamos o mamulengo como exemplo, pois há ali uma força de uma quase resistência cultural. Os personagens como "os coronéis", as "viúvas assanhadas", as "mulheres do povo", o "demônio", que a todos tenta, o "policial" que oprime e corrompe, geram as Quitérias, os Tiridás, Tenentes e Beneditos; uma infinidade de tipos sociais retratados de maneira sintética, caricatural e crítica.

O teatro popular, seja feito por atores ou bonecos, tem esse caminho aberto de recolher do povo e para o povo seus tipos e suas questões e o Teatro de Animação, além de suas características específicas, detém facilidades de encenação que viabiliza economicamente a realização de projetos que torne simples e cotidiano o fazer teatral: única possibilidade de se criar hábito cultural - fator primeiro para a formação de novas platéias.

O títere - em casa, na escola, na rua

O teatro de títeres já foi, no início do século, solução para a falta de teatro. Hoje, quando ainda vivemos o mesmo tipo de carência - além de muitas outras - continua sendo uma opção para viabilizar nossas manifestações culturais, em seus diversos seguimentos.

O teatro de animação permite que se transforme com facilidade qualquer espaço para a magia do boneco. A força do boneco facilita a "visibilidade" desse tipo de teatro; a versatilidade do titiriteiro reduz grande número de pessoas, obrigatoriamente envolvidas numa encenação de atores. Além do que o boneco instala com facilidade o saudável primado da brincadeira e do jogo que mantém vivo o teatro. O teatro de bonecos tem,



O Padeiro e o Diabo de Mário de Ballentti

sem dúvida, a potencialidade de tornar O TEATRO sujeito íntimo da criança e da família; em casa, na escola, ou na rua - desde as simples sombras com que se brincava à noite, contando e ouvindo histórias, até o mais requintado teatro de títeres.

O titiriteiro - o mago do espetáculo

O teatro de títeres reúne, na figura do titiriteiro, o autor, o ator, o manipulador, o artesão, muitas vezes o músico, o cantor, o dançarino, o cenógrafo, o figurinista, o iluminador, o conta-regra. Um títere e um titiriteiro fazem o espetáculo. Todas as possibilidades permeiam o teatro de animação, e na maioria das vezes, realizados por uma pessoa ou pequenos grupos. Isto nos dá a medida das possibilidades deste trabalho, e de sua amplitude, aliada a sua simplicidade e força expressiva, sem se falar no caráter lúdico e fascinante quando se trabalha para crianças.

Acreditamos ser, o Teatro de Animação, e por conseguinte, o titeriteiro, um agente facilitador para se incorporar, verdadeiramente, o teatro, no cotidiano do povo. Nenhuma ação governamental eficaz apóia o teatro para que seja instaurado realmente como processo cultural integrante do universo do brasileiro. A intervenção na Literatura tem sido, com certeza, mais eficaz, assim como as iniciativas de grupos, organizações e profissionais da literatura. Sem se falar que há um mercado editorial forte por trás desta atividade. O teatro, atividade essencialmente artesanal, tem dificuldades outras, e as tentativas existentes não foram capazes de atenuar o grande distanciamento teatro-povo. Nascido do povo, e dele raptado como um privilégio das elites, o teatro para criança (e para adultos também) vive, hoje, no reduto da zona sul do Rio de Janeiro. Discute-se sempre questões como a formação de platéia, a falta de público. E onde está o teatro ao longo da via férrea?

As ações individuais como os de Projeto Escola, a maior parte deles sem nenhuma sustentação ideológica verdadeira, são incapazes, por si só de provocar esta transformação cultural. Se a família e a escola não oferecem, no seu cotidiano, o teatro, a ida esporádica ao teatro não é formadora de hábito. Como muitos caminhos dão em Roma, acreditamos que o Teatro de Animação é uma forma de teatro possível e que pode estar mais cotidianamente próximo da criança. ■

Carlos Augusto Nazareth
Diretor de Teatro

RECORTE E GANHE DESCONTO DE 10%

TEATRO E VOZ NO TOCANDO EM VOCÊ

JOÃO BATISTA (DIRETOR INDICADO - PRÊMIO COCA-COLA)
GILVAN MELO (DIRETOR MUSICAL - INDICADO - PRÊMIO COCA-COLA)

Rua General Roca, 518
Tijuca - Tel.: 567-4378 / 2840085



Em defesa de fadas, bruxas e outros bichos em extinção

A classe precisa se unir para reivindicar, senão a vaquinha vai pro brejo

Abro o jornal, num sábado de janeiro, mês relativamente fraco em termos de ofertas, na seção de “tijolinhos” dedicada ao teatro infantil. Encontro 27 peças em cartaz. No dia seguinte, no mesmo jornal, as ofertas chegam a 35. Curiosamente, em outro jornal, há uma grande matéria sobre o teatro infantil, discutindo sua qualidade, evolução e relação com a mídia.

Começando pela relação com a mídia há, com certeza, alguma bruxa malvada dentro dos jornais que faz sumir sistematicamente os preciosos tijolinhos; única comunicação entre as produções mais modestas – a maioria delas – e o mundo. E cada vez que um tijolino não sai, desaba um pouco a frágil construção do teatro jovem/infantil.

O nome desta bruxa malvada é “falta de espaço”. Mas ela também atende por “interesses comerciais comparativamente menores”, “preconceito” e – é preciso reconhecer – pela crise econômica que atingiu também os jornais e fez os espaços disponíveis irem para o espaço propriamente dito.

Mas a bruxa não pára por aí. Os custos do teatro infantil subiram meteoricamente no rastro do teatro adulto, tornando as produções relativamente

muito, muito caras. Materiais e equipamentos, o serviço dos profissionais da área, o preço do aluguel dos teatros privados e as dificuldades dos teatros públicos inviabilizaram completamente a possibilidade de retorno financeiro no esquema atual (oito espetáculos por mês, na área infantil, um pouco mais, na jovem). Sem patrocínio e apoios, não há fada que dê jeito.

O que podemos fazer, além de chorar sobre o leite e as pipocas derramadas? Muita coisa.

Pleitear a cessão de teatros, leis de incentivo à cultura menos burocratizadas, criação de projetos alternativos oferecendo espetáculos às escolas, realizados nos próprios teatros ou escolas.

A criação de um espaço para a guarda e confecção de cenários, figurinos e adereços poderia significar um enorme fator de economia para muitas produções, sem custos vultuosos para o Governo. Campanhas semi-permanentes similares a das extintas e saudosas Kombis de zumbis poderiam ser reativadas. Três Kombis colocadas alternadamente nos fins de semana em diferentes praças públicas, fornecendo ingressos a preços mais baratos, sacudiriam o mercado e trariam retorno de imagem às empresas co-patriocinadoras.

Nada disso, é claro, deve ser feito isoladamente. Uma fada só não faz verão. O sindicato dos artistas, ou mesmo o CBTIJ poderiam servir de centros aglutinadores e base de operações para a efetivação destas sugestões ou de outras quaisquer.

Outras idéias, como a criação de um festival anual, ou a busca de fórmulas que garantam espaço mais constante e menos sensível à ação de sortilégios e bruxarias, também poderiam ser discutidas, desde que disponhamos de um órgão centralizador para tanto.

Sozinhos, fracos e isolados só teremos a perder: a vaquinha vai pro brejo, visitar o sapo que nunca vira príncipe, e a bruxa vai estar à solta. Nem os espetáculos que dispensem os tradicionais contos de fadas vão se salvar do marasmo e do preconceito contra o teatro infantil.

Se por um lado, somos individualistas, independentes, encenqueiros e narcisos, por outro, também não somos burros. Está na hora de um mínimo de ação em conjunto, indispensável para mudanças significativas para todos os que se dedicam ao teatro para crianças. Dá até para ouvir a criançada berrando: “Começa...!” ■

Bernardo Jablonski
Professor do Tablado

Tudo é muito natural...

Que medo *natural* é esse que faz com que em nome do teatro artistas se depreciem

O Teatro aparentemente passa por um momento de “reflexão”. Tudo é “muito elaborado, discutido”, mas a sessão de terror explícito começa quando achamos tudo o que é anormal, muito natural.

No novo dicionário do que é “natural”, é natural que o ator chegue em cima da hora, assim como é natural que “ele” deteste ensaiar.

Deve ser neste dicionário que teatro pode ser sinônimo de estratégia de marketing, retorno de mídia; uma incrível engenhoca de tecnocratas e não-artistas, mas, isto é muito natural.

É muito natural, ainda, que esses novos tecnocratas, que tão bem discursam sobre teatro, escondam como se faz para ir aos festivais, como se faz para ter acesso às informações.

Deve ser natural também que aceitem bagatelas, que só desmerecem o valor de seu trabalho, em nome da viabilização de sua idéia.

Mas que idéias serão estas, que se adequam a orçamentos insuficientes, que desrespeitam profissionais competentes e talentosos?

Que medo natural é esse, que faz com que, em nome do teatro jovem, ou não, os artistas se depreciem diante das empresas e imprensa, para conquistar seu lugar ao sol? Que lugar é esse, afinal?

Desunidos e “naturalmente desumanizados”, em nome da arte, colegas se derrubam pelas costas, turminhas fechadas enrigecem sua musculatura flácida. Onde está afinal a reflexão, realização e alegria de se fazer teatro? Também não está aí.

Escutei, recentemente, num seminário sobre teatro jovem que “esse negócio de discutir princípios e critérios é uma coisa muito rasa”. (Todos ouviram com naturalidade esta temeridade.)

E aí meu sentimento melancólico é transmutado: vira vontade de potência, vontade de teatro e reverência aqueles que com iniciativas,

sem alarde, fazem o teatro sagrado, o teatro que reinventa a vida e as idéias. Penso então, feliz, de um jeito não-natural, que ainda acredito no sagrado, nos atores e em todos os profissionais que, movidos por suas idéias, arregaçam as mangas para realizá-las, unidos sob a forma do teatro.

Torço então para que repensemos tudo de novo, com o maior estranhamento que conseguirmos, para que não fiquemos habituados com a nossa amigável desunião, para que percebamos o quanto estamos desabilitados a refletir, debater e até mesmo discordar saudavelmente.

Para que, assim, neste ano promissor que se inicia, possamos praticar a linha mestra do teatro: a comunicação de idéias, visões de mundo e sentimentos. E o bom teatro será, de fato, algo muito natural. ■

Karen Accioly
Atriz

PROJETO ESCOLA

Cultura Popular Brasileira - Dois espetáculos de qualidade

O PÁSSARO DO LIMO VERDE



Teatro Popular criado sob a inspiração do mamulengo

.ESPETÁCULO INFANTIL DE ATORES E BONECOS

.QUINZE INDICAÇÕES PARA PRÊMIOS EM 94 E 95

.DOIS ANOS EM CARTAZ NO RIO E EM SÃO PAULO

.INDICADO PARA CRIANÇAS DE 3 A 10 ANOS

"Sem dúvida nenhuma
é um dos espetáculos
mais atraentes da temporada."

Lúcia Cerrone - JB

.ESPETÁCULO INSPIRADO NO LIVRO HOMÔNIMO
DE HAROLDO BRUNO

.PRÊMIO JABUTI

.GRANDE PRÊMIO DA CRÍTICA

.O MISTERIOSO RAPTO DE FLOR DO SERENO REVELA
E TRABALHA COM O IDEÁRIO POPULAR BRASILEIRO:
TIPOS, MÚSICA, DANÇA, MITOS, LENDAS E
SUPERSTIÇÕES.

"Um dos melhores intérpretes da
cultura brasileira - o já mestre
Haroldo Bruno."

Gilberto Freyre

O MISTERIOSO RAPTO DE FLOR DO SERENO



Re-criação ampla e livre, universalizante, do cordel

AS ESCOLAS INTERESSADAS DEVERÃO ENTRAR EM CONTATO COM CARLOS AUGUSTO NAZARETH
PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA. PARA VISITA DE NOSSO AGENTE EDUCACIONAL.

Rua Vicente Licínio, 154 - Tijuca - RJ - CEP 20270-340 - Tel: (021) 568-8912 - Fax: (021) 569-5680

A vida imita o teatro

Máscaras da tragédia e da comédia auxiliam artistas mesmo fora do palco

Etty Fraser lidera o FACT - Associação Fundo de Assistência à Classe Teatral - que presta assistência a artistas afastados de suas funções por serem soropositivo.

Todos que vão ao teatro em São Paulo vêm, ao final dos espetáculos, os atores no "foyer" do teatro vendendo máscaras da comédia e da tragédia - símbolo da campanha, transformado em broches pelo "designer" Jorge Brandão.

Etty Fraser empresta seu carisma à campanha - iniciativa de 1992 liderada por Etty, Irene Ravache, Ligia de Paula, Walderez de Barros, Mirian Mehler, Elizabeth Hartman. No início, os broches, que são a principal fonte de renda da campanha, eram vendidos por elas mesmas durante os espetáculos. Com a ampliação do movimento os próprios elencos começaram a promover essa venda, que é sempre recebida com muito carinho e simpatia pelo público.

O principal objetivo do F.A.C.T. é arrecadar fundos para manter os atores, bailarinos e circenses que se encontram doentes, sem condições de trabalho, numa média de atendimentos de 26 doentes/mês. Além das vendas dos broches a FACT sobrevive de eventos realizados em seu benefício e doações espontâneas, através da conta: Banco ITAÚ - Agência 0186 - Higienópolis - Conta Corrente 41.618-60s



Divulgação

Fraser e as máscaras da campanha

Fica uma sugestão: por que não trazer esta campanha para o Rio de Janeiro, onde inúmeros artistas passam pelos mesmos problemas de nossos colegas paulistas?

Os interessados em adquirir broches da campanha podem entrar em contacto com o JORNAL VERTENTE.

ZOOM

com Etty Fraser

V: Etty, o que a mobilizou a criar essa campanha?

EF: O número cada vez maior de colegas necessitados e com o vírus da AIDS.

V: Quantos artistas foram já atendidos pelo FACT de sua fundação até agora?

EF: Já foram atendidos mais de 60 artistas.

V: Qual a receptividade e mobilização do público frente à campanha?

EF: No início foi muito boa, mas com a situação financeira do público, baixou muito a ajuda.

V: Quais as maiores dificuldades da FACT?

EF: Só a financeira.

V: Por que não expandir a campanha a nível nacional, estado por estado?

EF: Já nos é muito difícil administrar o programa no Estado de São Paulo — e nos outros estados, ninguém mais se interessou. ■

F.A.C.T.
Pça. Franklin D. Roosevelt, 234 apt.63
Consolação - SP CEP 01303-020
FONE: (011) 256.0969

Matrícula grátis na apresentação deste anúncio

Studio de Dança

Flávia Cavaliere

Do baby class à profissionalização

* *Jazz*

* *Sapateado*

* *Dança*

* *Ballet Clássico*

Av. Suburbana, 7786 - 2º e 3º andar

Tel/Fax: 591-2197

Abolição

"... sinto que muita gente não sabe se me coloca em

Argentino de nascimento e brasileiro por opção, o diretor de teatro e autor Ilo Krugli, 66 anos, já perdeu a conta do número de vezes que foi montado no país o seu primeiro grande sucesso, o poético *História de Lenços e Ventos*, encenado pela primeira vez em 1974 e que representou uma lufada de renovação na linguagem dos espetáculos para criança. Educador e artista plástico, auto-didata, Ilo chegou ao Brasil no comecinho da década de 60, depois de mambembar pela América Latina com um teatro de bonecos. "Desenvolvia atividades como desenho e pintura. Em comunidades indígenas, tinha que trabalhar ao lado de tradutores. Esta foi a minha grande universidade. E este aprendizado se completou aqui no Brasil, com o contato com as culturas afro-brasileiras, que me fascinam", lembra.

Antes de *Lenços e Ventos*, ele trabalhou em educação ao lado de gente como o artista plástico Augusto Rodrigues, da Escolinha de Arte do Brasil, a psiquiatra Nise da Silveira e a pesquisadora Cecília Conde (irmã do atual prefeito do Rio, Luiz Paulo Conde). "Minha aproximação com o teatro foi sempre voltada para a criança e o jovem", conta. Seus primeiros espetáculos refletiam essa preocupação com a educação. Depois de uma atribulada temporada no Chile, onde chegou a ficar preso três dias depois da queda do governo Allende, Krugli voltou ao Brasil e no início de 1974 estreou *História de Lenços e Ventos*. "O espetáculo sublimava e sintetizava justamente os conflitos dos anos anteriores", conta. Na ocasião, foi fundada a Companhia Vento Forte, que no final da década de 70 migrou para São Paulo, onde se encontra até hoje, produzindo espetáculos premiados como *Histórias que o Eco Canta*, baseado em três contos de Oscar Wilde. "No momento, sinto que muita gente não sabe se me coloca em um pedestal, no museu, ou se me joga no ostracismo", revela.

Ilo Krugli passou os meses de janeiro e fevereiro no Rio, apresentando no Teatro Cacilda Becker o espetáculo infantil *Sete Corações-Poesia Rasgada* e *Círculo de Giz Caucasiano*, de Bertold Brecht, este, no horário adulto.



Ilo Krugli: temas como o amor, a liberdade e seus

Vertente: O seu mais recente espetáculo infantil, *Sete Corações-Poesia Rasgada*, é baseado em um poema de Garcia Lorca, e inclui um fuzilamento em cena. Não são temas fortes demais para o seu público-alvo?

IK: Este espetáculo tem uma história longa.. Há anos atrás, nos estertores da censura, começamos a preparar um espetáculo infantil, a partir deste texto. Quando viram que havia um fuzilamento, as censoras se espantaram. No meu diálogo com elas, eu expliquei que, evidentemente, não ia fazer um banho de sangue no palco, mas elas acabaram classificando o espetáculo como proibido para menores de 16 anos, o que acabou inviabilizando sua realização na época. O fuzilamento é um símbolo, uma referência a um fato que realmente ocorreu, que é a morte do poeta-autor. De um modo geral, procuro não abusar da palavra morte. Em *Sete Corações - Poesia Rasgada*, estamos

falando de poesia e metáforas. Temos então fuzis teatrais. São vassouras. E as crianças costumam brincar de soldado. Não estamos escamoteando a violência. É uma cena que impressiona aos adultos porque está impregnada de verdade.

V: É possível então falar de qualquer tema no teatro infantil?

IK: Essa é uma pergunta muito curiosa. Evidente que existem temas fora do alcance no sentido da identificação. Às vezes o críticos falam que um determinado espetáculo é ótimo, mas perguntam se criança realmente consegue entender. Sugiro que esses críticos se remetam a sua própria infância e lembrem do que os adultos pensavam que a gente entendia e o que a gente podia entender na realidade. É claro que há temáticas que não despertam interesse na criança. Mas temas como o amor, a liberdade e seus opostos - o ódio, o autoritarismo - fazem parte do universo da criança, do ser humano.

E essa compreensão não tem nada a ver com o uso de uma linguagem simplória.

V: O que diferencia um espetáculo adulto de um espetáculo para crianças?

IK: A essência é a mesma. O acontecimento, o ritual teatral é o mesmo. Creio que eu tenho uma linguagem em comum a um espaço e outro. Atualmente, muitos diretores de teatro adulto estão usando recursos, que até então pertenciam ao mundo do teatro infantil, em seus espetáculos, como elementos imaginativos, adereços, bonecos, enfim, elementos cênicos que não costumavam aparecer em espetáculos para gente grande. Lembro-me que na década de 70, depois de *Histórias de Lenços e Ventos*, fiz um espetáculo a partir de um texto de Lorca, para adultos. Na época, algumas pessoas falavam que depois do sucesso deste espetáculo eu não precisaria mais fazer

um pedestal, no museu, ou se me joga no ostracismo."



Foto: Geraldo Stefano

opostos fazem parte do universo da criança

espetáculos para criança, como se eu agora tivesse chegado à maturidade. Enfim, uma bobagem.

V : O ano passado foi um ano muito difícil para o teatro infantil no Rio, com o afastamento do público. Por que estaria acontecendo esse distanciamento?

IK: A mesma coisa aconteceu em São Paulo. Não tenho dúvidas de que o público gosta de teatro. Acho que esta dificuldade de levar o público até as salas de espetáculo acontece porque a cultura ainda não é encarada como um projeto prioritário pelo governo. Fala-se da falta de dinheiro. Mas os eletrodomésticos continuam vendendo porque vêm apoiados por uma sólida estrutura de divulgação e são considerados necessários, enquanto o teatro não é. Acho que falta considerar o teatro como um bem como outro qualquer, merecedor de um projeto cultural sério.

Precisamos abrir as portas para o público não pagante, que comparece para assistir respeitosamente. É preciso criar a necessidade de se ir ao teatro. Aliás, adoro trabalhar com um público que não está acostumado a ir ao teatro.

V : A televisão colabora para este distanciamento do público?

IK: A televisão não tem nada a ver com o teatro. Aliás, adoro trabalhar com um público que não está acostumado a ir ao teatro. De repente, essas pessoas se vêm diante de gente de carne e osso, vivendo contradições e dilemas bem diante de seus olhos, e têm um momento de revelação. Há um tempo atrás, em Belo Horizonte, aconteceu uma montagem de *Histórias de Lenços e Ventos*. Durante um ensaio aberto, uma das atrizes trouxe uma sobrinha para assistir. Ela nunca tinha entrado em um teatro antes e ficou maravilhada. "É de verdade!", exclamou no final.

V : Fale um pouco sobre a Companhia Vento Forte.

IK: A companhia foi criada em 1974, na época da montagem de *História de Lenços e Ventos*. Ficamos no Rio até 79, quando migramos para São Paulo. Hoje nós atuamos também como uma escola de formação de ator. Muitos de nossos ex-alunos acabaram atuando dentro da própria companhia. Desde 85, ocupamos um terreno em litígio no valorizado bairro do Itaim Bibi (zona sul de São Paulo), junto com a escola de circo Picadeiro e alguns clubes de futebol de várzea, que já estavam ali anteriormente. Lá nós instalamos nossas salas de aula e um teatro. Há dois anos, tudo isto foi tombado pelo patrimônio cultural. Mas estamos sofrendo muitas pressões. Este é um espaço muito cobiçado e já fomos procurados por empresas imobiliárias que tentaram entrar em acordo para que nós nos retirássemos, sabe-se lá para onde.

V : Como é o processo de criação de seus espetáculos?

IK: Isto depende muito. *Sete Corações*, que é baseado em Lorca, assim como *Histórias que o eco canta*, baseado em contos de Oscar Wilde, foram desenvolvidos em dois semestres com os alunos de nossos cursos e oficinas. Quando trabalhamos um texto autoral, a coisa acontece mais rápido. É o caso de *Círculo de Giz Caucasiano*, de Brecht, que levou dois meses e meio de ensaios diretos para ser montado. O fato é que cada espetáculo

que produzimos é resultado de muito sofrimento. A gente se joga de cabeça e você não pode imaginar as dificuldades que passamos para a manutenção de um grupo e garantir a continuidade de nossas pesquisas. ■

Lívia de Almeida

Ilo Krugli e seu indomável VentoForte

Quando "Histórias de Lenços e Ventos" estreou no Festival de Curitiba, em 1974, éramos quatro atores estreantes, que se haviam reunido no Conservatório Brasileiro de Música, com o estímulo de Cecília Conde, Alice Reis, Bebel, Beto Coimbra (velho parceirinho) e eu. Mais um argentino que mal conhecíamos, chamado Ilo. O espetáculo havida sido criado em duas semanas. Texto, bonecos, cenários, figurinos, músicas, coreografias, luz.

Lembro que na ocasião pude colaborar com um empréstimo para viabilizar a produção. Em moeda atual (e desafio alguém a dizer o nome da moeda da época) foram em torno de mil reais. No máximo. Na temporada do MAM, com a ida de Bebel para Portugal, já contávamos com as fabulosas Sílviás: Aderne e Heller.

O nosso talvez maior crítico dos anos 70 e 80, Yan Michalsky, fez uma crítica de meia página no JB onde, além de comentar a intensa poética da peça e seu caráter inovador, terminava o texto estimulando todos os profissionais do Rio a irem assistir a peça. Creio ter sido sua primeira e única crítica a um espetáculo infantil. Ana Maria Machado fez um texto esplêndido, e tantos outros, que me perdoarão a fraca memória, motivados pela força dramática, pela poesia, por tudo de novo que Ilo trazia, pelo aspecto social e pela simplicidade de quatro escadas, muitos lenços (doados), lâminas metálicas, panos, dois violões, flautas doces, uma guitarra e um amplificador. Os objetos eram os personagens da mesma forma que no universo mágico da infância os objetos mágicos viram outras coisas, outras pessoas. Um jogo simples e sensível.

Some-se a isso o Vento, personagem do ar e dos céus. E Ilo viu que a arte está onde não se pode domá-la. No Vento que tem os movimentos mais inesperados, assim como nós. A arte está em uma folha de jornal que dura um só dia de notícias e, por esses acasos do destino, se transforma em um herói frágil e apaixonado em suas mãos.

De lá para cá, o grupo VentoForte foi voando por ares nunca dantes navegados, aportando agora no Cacilda Becker com seu "Círculo de Giz" e "Sete Corações - Poesia Rasgada.". Sua trupe de ciganos, belos e serenos na cumplicidade com o "espírito Vento Forte", continua o caminho que, para mim, começou em 74 e me mostrou mil outras rotas. "Com muitos altos e baixos", como diria o personagem Papel, mas com intensidade, como o teatro de Ilo Krugli me mostrou que poderia ser.

"Sete Corações" - repetindo o Yan - deveria ser obrigatório. Para todos. Neste espetáculo creio residir, mais claramente ainda, tudo que já havia em tantas outras montagens de Ilo: a matéria do coração dos homens. ■

Caique Botkay

Uma quase balzaquiana necessita de abrigo

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil faz 29 anos

A FNLIJ depois de tantos anos de trabalho necessita de um lugar onde possa tratar o acervo que possui, para que seja consultado pelos especialistas da área e público de um modo geral. Completando, em 23 de maio de 1997, 29 anos de trabalho difundindo o livro infantil e juvenil de qualidade e promovendo a leitura entre crianças e jovens, é uma entidade não governamental, de utilidade pública federal e caráter técnico educacional e cultural, sem fins lucrativos. É a seção brasileira do Internacional Board on Books for Young People (IBBY), órgão consultivo da Unesco para o setor, com sede na Suíça. Atualmente a Secretária Geral da FNLIJ é Elizabeth D' Angelo Serra, que nos concedeu a entrevista que deu origem a esta matéria.

Muitas atividades e respeito internacional

O primeiro grande projeto da FNLIJ foi o Ciranda de Livros de caráter nacional, e considerado pioneiro em promoção de leitura no Brasil. O projeto distribuía livros às escolas públicas, com material de apoio para os professores.

Inspirado no Ciranda de Livros surgiu a Viagem da Leitura que teve apoio da Fundação Roberto Marinho.

Também aconteceram: o *Livro Mindinho, Seu Vizinho* para comunidades carentes do Rio de Janeiro, o *Recriança* e o *Meu Livro, Meu Companheiro* que se instalou em hospitais do RJ e SP. Esses projetos levavam as atividades culturais como: teatro, música, cinema, vídeo e contadores de histórias.

A FNLIJ sempre esteve e está presente em feiras de livros internacionais e nacionais; Bienais do Rio de Janeiro e São Paulo; exposições de livros e ilustrações; além de ter abrigado pesquisas de incentivo à leitura e de literatura infantil e juvenil.

A Fundação indica autores e ilustradores brasileiros para o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da Literatura Infantil e Juvenil. Em 1982, Lygia Bojunga Nunes trouxe, pela primeira e única vez, até hoje, o prêmio para a América Latina.

CEDOP - Centro de Documentação e Pesquisa

Ao longo desses anos, a FNLIJ reuniu um dos três maiores acervos de literatura infantil e juvenil do mundo e, como tal, participa do Centro Coordenador Nacional da Rede de Centros de Documentação em Literatura Infantil, entidade criada em 1987, com apoio da OEA/ Banco del Libro.

Esse acervo faz parte do CEDOP, durante algum tempo financiado pela Fundação Vitae, que tem em torno de 10.000 documentos e 25.000 títulos.

Atualmente parte do CEDOP está no Instituto de Educação, situado à R. Mariz e Barros, 273 - Tijuca, junto com a biblioteca infantil padrão da FNLIJ e pode ser consultado pelos sócios da Fundação.

A Fundação concede prêmios anuais

Foram instituídos a partir de 1974 para as melhores edições nas categorias imagem, criança, jovem, tradução e informativo. Em 1992 foram criadas mais três premiações: revelação, hors-concour e poesia. E mais recentemente: melhor projeto editorial e melhor ilustração. Os livros premiados recebem o Selo de Ouro, assim como os altamente recomendáveis em cada categoria, que se tomam referência para a constituição de acervos básicos.

Os certificados de Altamente Recomendáveis são entregues no dia 23 de maio, aniversário da Fundação, no auditório da Manchete

É importante ressaltar que o aumento de categorias está ligado a melhoria da produção editorial para a criança e o jovem. Uma vitória exclusiva da FNLIJ.

Os desejos da FNLIJ

Nestes 29 anos, a FNLIJ tem sobrevivido graças ao trabalho espontâneo de inúmeros colaboradores e da ajuda efetiva, nos últimos anos, de seus mantenedores. O apoio do governo federal - garantia da sede - tem sido decisivo para a continuidade de seu trabalho, porém insuficiente. Por conta disso, a meta é atingir o número ideal de cem mantenedores e, principalmente, poder terminar o trabalho de tratamento do CEDOP.

Para finalizar informamos que a Fundação não é uma editora e nem doa livros. Mas todas as cartas ou telefonemas são respondidas com atenção, sempre com o objetivo de abrir caminhos e possibilitar um canal de troca de experiências. No mais um brinde pelo sucesso e vida longa. ■

Benita Prieto



Associe-se a FNLIJ e receba o Notícias, seu boletim informativo. R. da Imprensa, 16 sl 1215 Rio de Janeiro CEP 22030-120 Tel. (021)262-9130

Biblioteca: Que espaço é esse?

O templo da palavra precisa estar vivo

A primeira vez que ouvi a palavra biblioteca, eu era ainda muito pequena. Foi quando minha irmã mais velha disse que iria à biblioteca, fazer uma pesquisa...Passou! Um dia na escola escutei novamente aquela palavra, mas lá só ia quem já sabia "ler". "Eu já sabia", gritei. Então era chegada a minha hora de conhecê-la. Quando entrei naquela sala que ficava no último andar, do prédio da escola, minha professora sussurrou: "Silêncio, chegamos".

A biblioteca por muito tempo foi lugar sagrado. Templo santo, era aberta para poucos e escondia entre cantos e contos vários mistérios. No sabor do segredo alguns se calaram e histórias inteiras ficaram perdidas na poeira do tempo. O fogo também destruiu fatos, de diversos lugares do mundo, que apagados pelo destino, nos impediram de saber muitas outras histórias.

Mas o tempo não pára, já dizia o poeta, e na roda da vida a biblioteca passou a ser o templo do saber. Ali só entravam aqueles que decifravam a junção das letras. Ler era essencial para abrir as portas do templo. E os poucos que conseguiam adentrar detinham o poder da sabedoria. Pouca coisa havia mudado.

Depois virou o templo da subversão, esconderijo de quem queria redescobrir os direitos do mundo e entre leituras, mortes e feridas, muitas bibliotecas fecharam as portas guardando para sempre um pedaço da história "inesquecida".

Durante o "tempo do proibido falar", várias foram destruídas e as que restaram colocadas em espaços precários e de difícil acesso. Restava agora para as tão soberanas

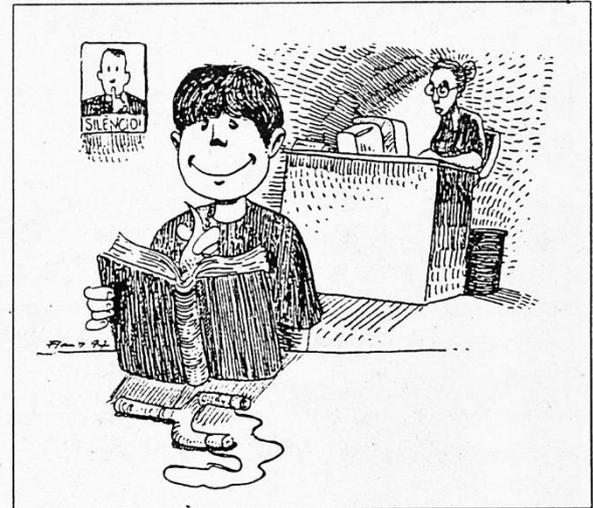
bibliotecas, a menor sala, no pior prédio, no último andar. Se instalava a decadência!

Com pessoal despreparado e material obsoleto é difícil conseguir respeito e posição de destaque junto às instituições maiores. A biblioteca perdeu sua identidade e seus valores. Nas estantes tudo pode ser encontrado. "É material doado, o que importa é fazer volume", pensam alguns. O espaço muitas vezes é dividido com o áudio-visual ou a cantina da escola. Lá pode se guardar de tudo: mesa de ping-pong, freezer, geladeira e até o que não tem utilidade para lugar nenhum. De portas abertas ela recebe tudo sem nada dizer, nem ao menos reclamar. Se pelo menos ela ainda soubesse dizer NÃO. Mas o não, vem sempre na hora errada: NÃO PODE FALAR, NÃO TEM ESTE LIVRO, NÃO DESARRUME A ESTANTE. Por isso é que dizem que lá é lugar de castigo. Castigo para quem vai em busca de descobrir e nada encontra. Castigo para quem está sentado trabalhando e infeliz se sente por estar ali, e fica contando nos dedos a chegada do dia do descanso eterno.

Mas muitos caminham procurando respostas e se transformam sempre como borboletas coloridas que nascem para voar e para sentir o sabor do vento. Quando as asas se abrem, encontram aquilo que nos faz viver: o prazer de buscar a nossa felicidade e realização sem lamentos, queixas ou desculpas esfarrapadas, mas com determinação e certeza dos seus direitos.

Com os que caminham a biblioteca deixará de ser o que é hoje - um templo de pesquisa escolar, universitária, particular, atendendo a todos sem restrição, pois entre

Ilustração



números estatísticos e livros emprestados ela ainda se engana achando que o "espaço está vivo", que o sucesso está no relatório do final do mês. Mas, no fundo, sabe que é preciso muito mais para reconquistar o templo perdido. É preciso ver a outra face escondida no espelho. Ver o que não está escrito e ainda não foi dito nem pensado por ninguém. É preciso abrir os olhos e o sorriso para fazer a ponte entre o leitor e o livro. Leitura prazerosa, sem cobranças, porque todos nós podemos aprender pelo amor ou pela dor.

Desse modo a biblioteca se transformará no verdadeiro espaço que buscamos: inteligente, questionador, informativo e principalmente encantador. Lugar onde possamos sempre nos sentir prontos, satisfeitos - mas repletos de dúvidas, questionamentos e respostas. Acho que então vai ser impossível não se apaixonar. Acho que começa aqui uma história de amor. ■

Lúcia Fidalgo

bibliotecária e integrante do Grupo Morandubetá

**A SUA
MARCA JÁ
FOI
CANTADA
HOJE?**

**ENCOMENDE LOGO
SUA MÚSICA!
TEM MUITA GENTE
ESPERANDO PRÁ
CANTAR O
REFRÃO
TEL: (0242) 42 9552
BIP. (021) 546 1636 COD. (4601579)**



LIGUE PARA
(021) 222-0593

O Grupo Morandubetá está cheio de histórias para você. Apresentações, Oficinas e Espetáculos.

Olá, leitores!

A FNLIJ sugeriu-me que informasse sobre os critérios, adotados por ela, para os níveis de leitura e como recebi a publicação Resenhas na Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - Premiados de 1992 que tem um texto muito interessante e esclarecedor sobre o assunto, resolvi transcrevê-lo. Para completar, os comentários dos livros que chamaram a atenção de minha família este mês.

Até sempre, Margarida Lobato.

IFNLIJ adota novos critérios

Ler é um processo relacional: todo texto é produzido levando-se em conta um leitor virtual. Mas depara-se com um leitor real. Desse encontro/confronto resulta o LEITOR: às vezes crítico, noutras nem tanto, mas investindo sempre na compreensão de sua história.

A literatura, produto de um homem para outro homem, é um dos meios que possibilitam essa compreensão.

Pensando assim, mesmo num país ainda tão carente de condições apropriadas para a formação

de leitores críticos, a FNLIJ acredita que a escolha de um determinado livro não pode obedecer a critérios que dividam os leitores apenas pela faixa etária. Por isso privilegia a relação entre texto e leitor, considerando a maior ou menor complexidade do livro e grau de habilidade de leitura exigido, assim, agrupados.

LEITOR INICIANTE: o que ainda não domina totalmente o código escrito. Prefere livros de pano, plástico, ou só de imagem, com pequenos textos; construção linguística e vocabulário simples, letras grandes e ilustrações que provoquem sua imaginação e curiosidade.

LEITOR COM ALGUMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA: busca livros com textos maiores, estrutura linguística e vocabulários menos simples. As ilustrações continuam ocupando espaço importante.

LEITOR COM HABILIDADE DE LEITURA: possui uma relação mais íntima e freqüente com o texto escrito. Aceita linguagem mais complexa e vocabulário variado. Os livros escolhidos já não contêm tantas ilustrações.

LEITOR EXPERIENTE: já possui muitas leituras e outras referências. O texto escrito predomina, a estrutura linguística e o vocabulário são complexos, as ilustrações podem ou não aparecer.

Sugestões

A casinha da Ninoca
de Lucy Cousins;
São Paulo : Ed. Ática, 1996.



A primeira coisa de que me lembrei ao ver A casinha da Ninoca foi das velhas bonecas de papel vendidas nas bancas de jornal. Não havia competição entre esses sensíveis objetos e as bonecas de plástico ou de louça, pois na escola era melhor levar as de papel que não ocupavam espaço e assim a brincadeira poderia acontecer em qualquer lugar. A casinha da Ninoca é um livro-brinquedo, tridimensional, que dá para criar várias histórias, individuais ou coletivas. Os leitores iniciantes e os outros leitores vão amar: pela riqueza de detalhes, pelas cores vibrantes e pela sofisticação da proposta. É importante atentar para um aviso escrito em letras miúdas na quarta capa: contém objetos muito pequenos, não é aconselhável para crianças com menos de 3 anos.

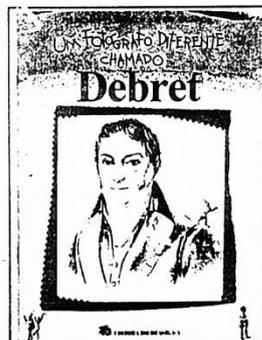
O Rei Gilgamesh
Recontado e ilust. Ludmila Zeman;
trad. Sérgio Capparelli.
Porto Alegre : Ed. Projeto, 1996.

O Rei Gilgamesh é o primeiro volume da trilogia que se completa com A vingança de Ishtar e A última busca de Gilgamesh. A coleção apresenta uma lenda de 5000 anos, considerada a mais antiga história escrita no mundo. Trata da epopéia de Gilgamesh, base da literatura heróica ocidental, que foi escrita em tábuas de argila na Mesopotâmia, primeiramente pelos sumérios e permeia muitos dos mitos e contos de fadas que conhecemos. Nos belíssimos livros da artista tcheca Ludmila Zeman os leitores com alguma experiência de leitura serão estimulados pela ação e entrarão em contato com uma literatura que se encontra entre o real e o imaginário. Aproveito para parabenizar a editora Projeto que continua se distinguindo pela sua linha de trabalho.



A cigarra e a formiga
recontado por João de Barro(Braguinha);
ilust. Odilon Moraes.
São Paulo: Ed. Moderna, 1996.

Um fotógrafo diferente chamado Debret
de Mércia Leitão e Neide Duarte;
ilust. Zeflávio Teixeira.
São Paulo : Ed. do Brasil, 1996.



Tenho visto muitos livros que abordam artes plásticas, graficas, visuais. Quase sempre traduções que chegam ao mercado em papéis especiais e por um preço abaixo do nosso e me perguntava se iniciativas desse tipo não poderiam ser feitas no Brasil, levando em consideração todas as nossas dificuldades. Finalmente tenho uma boa surpresa com Um fotógrafo diferente chamado Debret. O livro é simples, mas feito com muita criatividade e possibilita a interferência do leitor, sem didatismos. É feito por pessoas que entendem e gostam do seu trabalho. Os leitores com alguma experiência de leitura vão se deliciar pela possibilidade do jogo, pelo confronto entre passado, presente e futuro e, principalmente, pela reflexão. Já era a hora do pintor francês, Jean Baptiste Debret, que tanto amou o Rio de Janeiro ser homenageado e ser apresentado às crianças.

Ler, escrever e fazer conta de cabeça
de Bartolomeu Campos Queirós;
Belo Horizonte : Ed. Miguilim, 1996.

... e as crianças cresceram !

“O meu público foi crescendo, os que acompanham meu trabalho desde o início, hoje já são adultos.”

Divulgação

Há 23 anos, na cidade de Niterói, a cantora e compositora Bia Bedran iniciava a sua carreira no grupo de teatro infantil *Quintal*.

Depois de uma trajetória totalmente dedicada à criança, onde gerou diversos shows musicais, espetáculos teatrais, discos, programas de televisão e muitas histórias, Bia investe pela primeira vez num “desconhecido” universo: um espetáculo adulto, *Essas mães carentes e seus filhos adolescentes*, e um show também para adultos: *Úman*. Ao perceber que aquelas crianças lá do tempo do *Bloco da Palhoça* (outro grupo formado por Bia) já não eram mais crianças, resolveu dedicar um trabalho a quem tanto sempre lhe foi fiel. “O meu público foi crescendo, os que acompanham meu trabalho desde o início, hoje já são adultos”, reflete.



Bia Bedran em outra vertente

O novo espetáculo, que teve argumento de Bia e o texto do poeta Nick Zarvos, é um monólogo dividido em 12 atos, com previsão de estréia para o segundo semestre deste ano. O processo de construção de *Essas mães carentes e seus filhos adolescentes* contou com uma pesquisa entre mulheres de 40 e 50 anos. Entre outras descobertas, constatou-se um grande índice de separações conjugais. “São raros os pais que estejam casados há 16 anos acompanhando juntos a adolescência dos filhos”, constata Bia, que em cada ato, viverá uma mãe carente envolvida na relação com seus filhos, maridos, namorados, amantes, analistas... tudo isso regado com muita MPB, humor e poesia.

Paralelo ao espetáculo, Bia investe com a mesma garra e entusiasmo no show *Úman*. A sonoridade do título faz uma alusão bastante sutil à palavras como irmã, ímã, hímen e humana: um mosaico do misterioso e complexo universo feminino.

O projeto *Úman* inclui um CD, que contará com letras de Nick Zarvos musicadas por Bia, e músicas inéditas da compositora:

um caldeirão de samba, blues, chorinho, balada xote. “É a música e o teatro de novo na minha vida cantando outras histórias”, explica. Um dos pontos altos do show *Úman* acontece quando Bia interpreta “Acalanto para

“Eu vou viver sempre cantando para crianças este trabalho para adultos é apenas um paralelo na minha carreira.”

os meus adolescentes”, composta em parceria com o letrista Nick. A canção fala da despedida entre mãe e filha - um momento de resignação em que a mãe percebe que a sua filha deixou de ser criança.

Mas o atual público infantil de Bia não ficará totalmente órfão. Poderá vê-la contando

estórias na TV Cultura de São Paulo nos flashes *Lá Vem Histórias*. Além disso, investindo na multimídia ela está lançando um CD Room infantil pela Book Case: *As aventuras de Bia na ilha encantada* e lançando também dois livros pela editora LÊ. Isso demonstra que os novos trabalhos para o público adulto não significam uma mudança de rumo.

Muitas pessoas que começam a carreira trabalhando para o público jovem, quando não possuem identificação com a causa, com o tempo, abandonam o barco. Outros agem pior ainda - consideram o trabalho para criança como um simples estágio. Os mais versáteis conseguem a proeza de atuar nos dois pólos: criança e adulto, mas estes, assim como os especialistas, são os raros.

Em meio a escassez de trabalhos de qualidade voltados especificamente para a criança, Bia Bedran é, sem dúvida, uma artista que se empenha, com dedicação e amor, a essa difícil tarefa, onde todo o cuidado é pouco. ■



Memórias de um fusca

(ou como entrei para a história da literatura brasileira)

Se me lembro bem, era julho de 1976, e eu, com meus 10 anos de idade, estava indo passar o fim de semana no sítio do Orígenes Lessa! Ele mesmo, o escritor do *Feijão e o Sonho*, das *Memórias do Cabo de Vassoura*, das *Letras Falantes*, das *Memórias de um Fusca*. Eu tinha lido mais de 40 livros do Orígenes e, para mim, ele era o maior escritor do Brasil. E não era só isso, não. Minha mãe afirmava que ele era um dos primeiros e mais talentosos publicitários do País (inventou até o nome Kibon, imaginem!)

Era um sujeito muito importante na cultura brasileira, mas, além do sítio e do apartamento de um quarto na Avenida Prado Júnior, em Copacabana, possuía apenas um Fusquinha 66. Acho que era o fusca do livro. Como Orígenes tinha mais de 70, quem dirigia era Maria Eduarda, sua esposa de Lisboa (É portuguesa, coitada... ele costumava brincar)

O sítio ficava em Paraíba do Sul, Estado do Rio, e a viagem durava mais de duas horas. Minha mãe e minha irmã foram no banco da frente. Atrás, todo metido, eu viajava entre meu pai o meu ídolo. Na estrada, paramos num posto de gasolina e as três mulheres desceram para ir ao banheiro. Orígenes contava um caso engraçado e antigo pro meu pai, e acho que por isso os dois não perceberam quando o carro começou a descer de ré. A Maria Eduarda tinha esquecido de puxar o freio de mão e o Fusca começou a recuar com gingado.

Senti alguma coisa esquisita no ar, virei o pescoço e vi um precipício gigantesco atrás de nós. O carro ganhando velocidade. Orígenes e meu pai

rindo alto nem desconfiando da tragédia que estava prestes a acontecer. Foi então que eu dei um pulo pro banco da frente, agarrei aquele freio e puxei pra cima, com toda força. Ufff, o carro parou com um estrondo!

Olhei pros lados. Os dois adultos estavam atônitos e brancos feito uma página vazia. Dali a um segundo o Orígenes começou a aplaudir, balançando a cabeça onde, com certeza, se misturavam as idéias para um punhado de livros que ele escreveria depois.

Não fosse aquele meu impulso de heroísmo infantil, Orígenes não teria escrito, nos dez anos seguintes, algumas obras-primas da literatura infantil e adulta: *É Conversando que as Coisas se Entendem*, *Milagre de Ouro Preto*, *A Noite Sem Homem*, *O Índio Cor de Rosa*, entre outros tantos.

Por outro lado, se não tivesse puxado aquele freio de mão, teria poupado Orígenes do embaraço de concorrer com José Sarney por uma vaga na Academia Brasileira de Letras. E perder.

Mas o que importa, mesmo, é que meu escritor favorito viveu mais dez anos trazendo fantasia, humor e poesia pra criançada. Ninguém sabe disso, mas naquele dia eu entrei para a história da literatura brasileira.

PS: Felizmente, Orígenes se candidatou uma segunda vez à Academia e ganhou, quase por unanimidade.

Léo Cunha

Esta crônica foi publicada originalmente no jornal O TEMPO, de Belo Horizonte.

Panorama Cultural para 1997

Cinema

PRÉ-ESTRÉIAS NACIONAIS
E INTERNACIONAIS

2º CICLO BRASIL DE CINEMA

Artes Plásticas

I CONCURSO DE
ARTES PLÁSTICAS
Exposições Externas e Internas

Teatro

TEATRO NAS UNIVERSIDADES
Projeto de iniciativa
da SMC em parceria
com Universidades

PRODUÇÕES DO CCGF EM PARCERIA
COM DIVERSOS GRUPOS TEATRAIS

Música

CAMERATA UFG
sob a regência de
PAULO SÉRGIO SANTOS

SESSÃO KAMIKAZE
espaço aberto para novos talentos

QUARTAS MUSICAIS
Artistas consagrados da MPB
II FESTIVAL DE MÚSICA DO CCGF

Dança

III MOSTRA CCGF

Literatura

I CONCURSO UGF
DE CONTOS DO CCGF

Caminhão Cultural

NOSSO CHEVROLET 39 VAI
ÀS COMUNIDADES REPRESENTANDO
A CULTURA DA UNIVERSIDADE
FORA DE SEUS MUROS

Debates, Palestras Simpósios

Assuntos de interesse universitário e comunitário
Ciclos de prevenção de drogas, doenças transmissíveis,
política, ética e justiça, entre outros



CENTRO **Gama** CULTURAL
(Filho)

Rua Manoel Vitorino, 533-Piedade
Prédio A.G. 1º andar-cep.20748-900
Tel:599-7236/599-7237 Fax:595-1617



Funk - um fenômeno social

O som dos excluídos invade a cidade

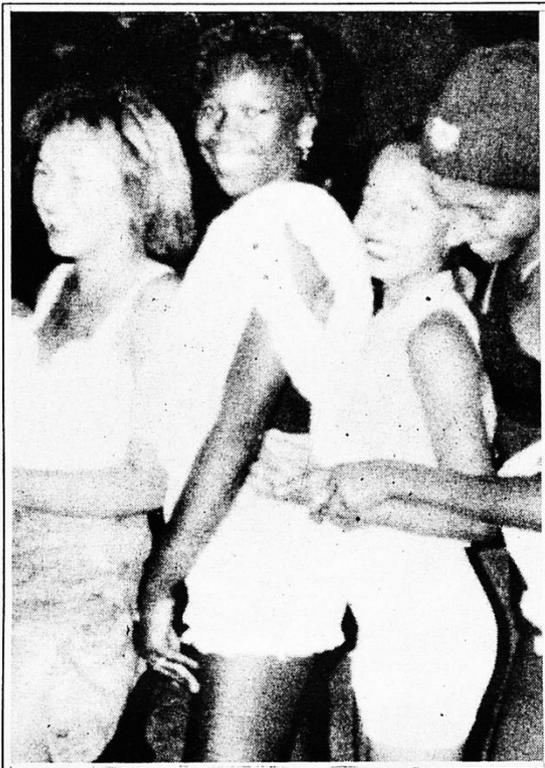
Favelados, suburbanos, moradores das comunidades mais carente, uma multidão de um milhão de jovens vem frequentando assiduamente os mais de 300 bailes, todo final de semana, para dançar o funk. Associado inicialmente a palavras como arrastão e violência, o baile funk foi combatido e discriminado como o samba e, assim como ele, acabou ganhando legitimidade, defensores, estudiosos e conquistando o jovem da zona sul, que encontra nas academias de ginástica, mais badaladas, professores especializados em elaborar as coreografias, quase tribais, que o ritmo "batidão" sugere.

Quem ainda não ouviu falar em Funk?

Mortes na porta dos clubes, briga de galeras, notícias nas páginas policiais, fizeram com que o funk, ou melhor, o baile-funk se tornasse conhecido como uma espécie de praga a ser banida a qualquer custo, chegando inclusive a ser proibido pelo governo do Estado. Hoje, projetos de apoio tramitam pela Câmara e a própria Prefeitura bancou o projeto Rio funk, durante a gestão de César Maia, que ensinou a 1.500 jovens de 12 comunidades a serem DJs, MCs e dançarinos. Além disso o funk virou indústria cultural - jornais especializados, rádios, programas de TV e aproximadamente 200 equipes de som, entre as quais as bem-sucedidas Furacão 2.000 e Cash-Box, divulgam o movimento, que segundo o já citado César Maia, é, de longe, o mais expressivo movimento cultural do Rio."

O funk tem suas origens na música negra norte-americana, o "soul" do início dos anos 60, que transmite em suas composições idéias libertárias ligadas às lutas pelos direitos civis contra o racismo. Esse sentimento mais contestatório continua presente em uma de suas vertentes - o rap, cujas

Divulgação



"Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci"

músicas denunciam, de forma mais irada, as injustiças sociais. Recentemente, nos subúrbios parisienses, mobilizou os jovens de tal forma que a prisão de dois cantores de rap obrigou, o próprio ministro da cultura, Philippe Douste-Blazy, a manifestar-se. Uma linha mais melódica engloba o *funk melody* - o mais dançante e o *charm* - mais devagar e sensual.

Muito mais do que um ritmo que se dança, o funk cumpre um outro papel muito mais importante, que é o de restgatar a auto-estima desses jovens excluídos e discriminados que ouvem

nos rádios letras de música onde lugares como Borel, Maré, Urubu e Morro do Adeus são exaltados por causa de seus bailes. Rômulo Costa, dono da Furacão 2.000 e referência obrigatória quando se fala em funk, fala de cadeira: "Mudamos o referencial da cidade. Ninguém sabe quem são os traficantes da Cidade de Deus, mas quando um garoto fala que mora lá, outro pergunta: "Ah... a terra do Cidinho e do Doca?" Os jovens funkeiros, assim, vão, aos poucos, tendo orgulho de suas origens, usando o funk como meio de expressão cultural e conscientização política.

"Rio balanço funk é o novo som da praça"

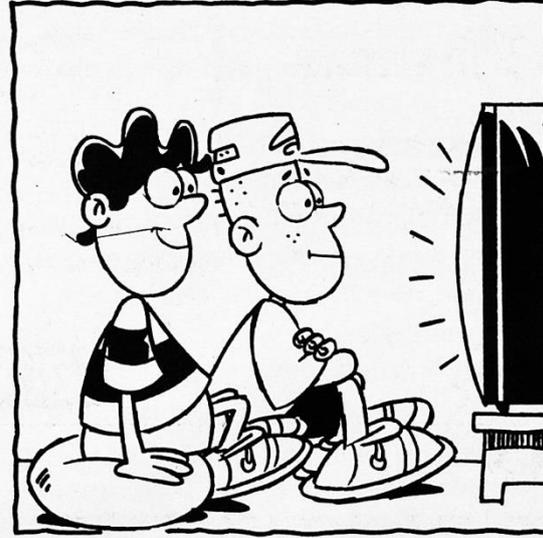
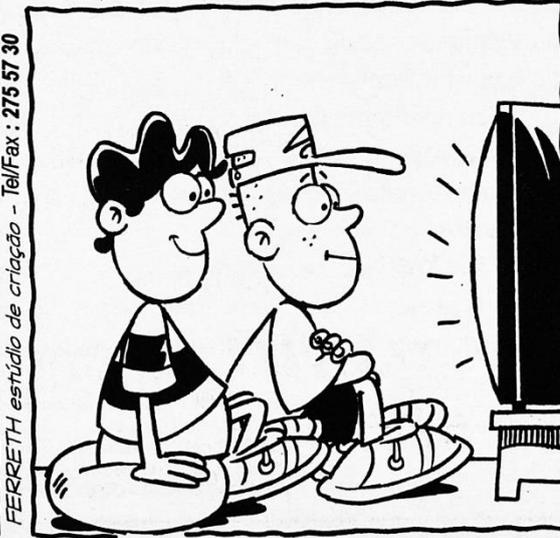
Invertendo a mão da dominação cultural, acostumada a ver a classe média zona sul lançando a moda que vai ser copiada nos morros e na periferia, são esses jovens saudáveis da beira da praia que estão correndo atrás das roupas, passos e até do modo de falar da galera funk. Demorô. Abalô. Sinistro. Alemão. São gírias que saíram das favelas diretamente para as turminhas dos condomínios fechados, academias e shoppings centers. Com a divulgação via FMs, hits como "Me leva" do cantor Latino, um "Programa Legal" da Rede Globo dedicado ao movimento e atrações musicais no programa da Xuxa foi feita a ponte entre o asfalto e o morro, quebrando barreiras e diminuindo preconceitos.

O certo é que se não fosse tão sedutor, o funk não teria caído no gosto da juntentude. Seu ritmo marcado, sua vibração e carisma apontam para uma influência cada vez maior em todas as camadas da sociedade provando que a linguagem jovem é uma só, não importa o endereço de onde venha. ■

Anja Bittencourt

Atriz

GIRINO , o aborrecente



Ferreth

Criança criativa, adulto sem imaginação

Criatividade - um processo de libertação sócio-cultural

Crianças inventam, descobrem, criam. Adultos repetem rotinas, copiam soluções. Se na infância conseguimos transformar, juntar, combinar a realidade de diferentes maneiras, passados os anos, viramos adultos conformados e pouco criativos. Ainda que o mundo ao redor esteja solicitando muitas mudanças na nossa forma de nos relacionarmos com ele, insistimos em repetir velhos truques e conhecidas receitas.

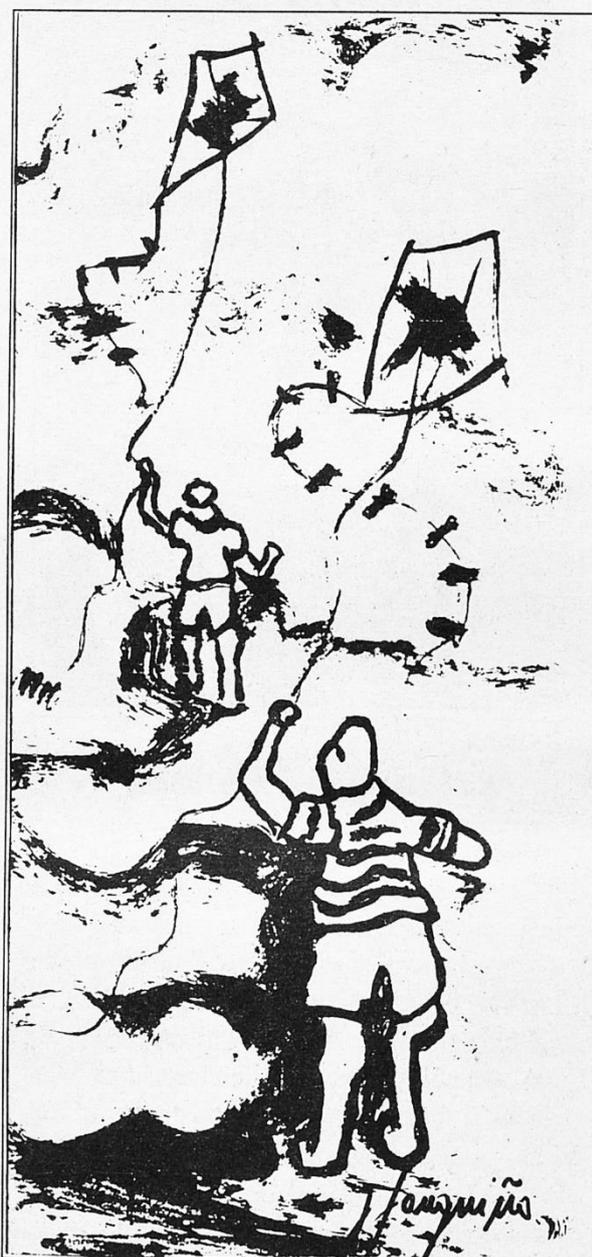
Entre as repetições adultas está o hábito de aceitar que só às crianças seja permitida criatividade irrestrita quando desenham, dançam, pintam ou cantam.

A "arte" que as crianças produzem transmite um certo grau de espontaneidade, de livre expressão e desprezo pelos padrões convencionais. E o adulto se surpreende diante deste produto da mente infantil, que pode transgredir perspectivas, proporções, direção e ordem, que não está interessada em duplicar a realidade percebida, mas prefere expressar o que sente. O desenho de uma figura humana pode ser uma bola, dois traços e mais nada.

Mas um dia surge a preocupação de reproduzir a realidade tal como é percebida, e a criança começa a se preocupar com a semelhança entre o que ela produz e o modelo observado. A própria evolução do processo do pensamento infantil leva a isto.

À medida que a possibilidade de auto-expressão livre vai dando lugar a processos cognitivos mais maduros, a imaginação quase sonho se atrofia e dá lugar à reprodução do mundo dito real. Na adolescência a pressão sócio-cultural do conformismo se torna tão forte que a imaginação perde a batalha e se retrai para pequenas brechas de devaneio, talvez só mesmo no sonho permitido nas horas de sono. E temos no mundo mais um adulto cuja criatividade não mais se expressa e se mecaniza na mediocridade infeliz e consentida.

Alguns escapam para o bem da saúde coletiva. Alguns cultivam uma ousadia adequada (às vezes nem tanto) que os encoraja a continuar imaginando a expressar criativamente sua relação com o mundo, com o universo, em diferentes graus de talento, que vão desde a possibilidade de lidar criativamente com o cotidiano até a obra valiosa e genial que acrescenta algo muito novo à cultura e a transforma. A estes, somos gratos de coração, mente e alma. Mas como conseguiram escapar?



Ilustração

Nutridos pela vontade de viabilizar seus sonhos, os "criativos" trabalham bastante, pois só muito, muito trabalho consegue transpor a muralha da conformidade social, com seus rígidos padrões de como pensar, sentir e agir. Talvez a excelência da produção resultante seja lapidada na própria luta para criar apesar das pressões da acomodação. Já nos acostumamos a associar produção criativa a sofrimento para realizá-la.

Será mesmo necessário sofrer para criar?

Não será isto mais uma repetição do pensamento bíblico que nos ensinou a ligar criação a sofrimento? ■

Maria Helena Nazareth

Mestre em Psicologia

Criatividade

No momento em que Van Gogh rompeu com a pintura tradicional deu ao Mundo o sentimento de participação do Artista em sua própria obra de Arte. As cores vibrantes, o gesto expressivo... tudo. Passamos a fazer nossa própria composição, ao invés de reproduzirmos literalmente o cenário, como uma paisagem ou retrato.

Na pintura clássica, a fidelidade determinava a qualidade do artista; agora não - o artista se impõe pela sua técnica e tema, entre outros aspectos e por seus valores individuais.

Na última Bienal de São Paulo, um renomado artista colocou um piano de cauda no centro do salão e um par de chinelos em cima do teclado. Como uma grande estréia cinematográfica, foi uma noite profundamente iluminada, onde os convidados chegavam para ver os objetos e instalações, as mais estranhas que o Homem possa criar.

Na verdade, as várias obras expostas não eram para mostrar as últimas criações de seus autores; nem a técnica perfeita, e nem os chinelos que eram iguais aos meus, mas a Criatividade de seus autores. No momento em que o artista se propõe a uma instalação deste tipo, ele quer mostrar um dos alicerces da Criatividade: A CORAGEM! Coragem perante os observadores, perante a própria natureza; coragem da liberdade de expressão; da força de interpretação, da Percepção, enfim, uma série de fundamentos que a Arte não prescinde, e, por que não dizer, a nossa vida competitiva, no Planeta, não prescinde.

Enquanto o artista não romper suas próprias inibições, fatalmente ele não romperá as do observador de sua Arte. Este busca em nossos trabalhos exatamente uma forma de abrir seus caminhos de libertar-se de suas tensões e inibições. Um par de chinelos e um piano têm uma grande virtude: a mudança de comportamento do observador. Este poderá amá-lo ou odiá-lo, mas ficar indiferente, jamais!

Criatividade pode ser até um sinônimo de loucura, mas uma loucura "under control", consciente e altamente produtiva. Foi assim que saímos das cavernas para enfrentar os tigres. ■

J. Longuiño

Pintor, Membro da Academia Brasileira de Belas Artes

SEBRAE - uma luz no final do túnel ?

Programa para artistas e produtores viabiliza a produção cultural no País.

"A realidade é que cada dia está mais difícil produzir e captar recursos para teatro." Esta afirmação da produtora Marília Milanez surge entre outras declarações efusivas ao saber das novas áreas de atuação do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, o SEBRAE/RJ inaugura, a partir deste mês, o programa **Parceria Cultural**, criado e coordenado por Fernando Portela, que ministrará cursos, fará a edição de guias de orientação, e até mesmo fará *intermediação*, no contato com empresas patrocinadoras.

"Nosso projeto, que teve início em 96, na véspera do dia da cultura, visa atender prontamente o produtor cultural e também o artista. Este se iniciou com uma pesquisa para saber os principais problemas que produtores e artistas enfrentam regularmente na captação de recursos para levantar projetos", explica Portela.

O programa elaborado se divide em duas etapas. A primeira é composta por um guia informativo sobre a legalização de empresas e seu funcionamento regular. "Em muitos casos, quando o produtor não tem firma, chegam até mesmo a comprar notas fiscais de outras produtoras. O guia explicará, passo-a-passo, como registrar uma empresa, mantê-la regular e como enquadrá-la nas leis de incentivo fiscal, como a Rouanet, do Audiovisual, do ICMS", informou Fernando Portela - colocando este processo como básico para quem deseja receber recursos de instituições patrocinadoras.

A sede desta pequena empresa pode estar localizada na própria casa do produtor; entretanto, Fernando Portela explica que a PUC/RJ, fará convênio com o SEBRAE para ceder espaço a produtores iniciantes, onde poderão passar período de até dois anos elaborando projeto para captar recursos.

Outro guia que o SEBRAE colocará à disposição do público, está aliado a estratégias de Marketing e ajudará o produtor/artista a adaptar o projeto aos interesses das empresas.

Estas estratégias de Marketing Cultural estarão sendo explicadas através de cursos ministrados no SEBRAE. Durante duas vezes por mês, profissionais da área cultural e do próprio SEBRAE farão palestras sobre Marketing Cultural. "O SEBRAE quer formar multiplicadores desses cursos no interior", declara Portela.

"A causa principal de muitos não conseguirem cotas de patrocínio é o fato de não formatarem o projeto de forma atraente para os empresários"

Fernando Portela

A produtora Marília Milanez relata que em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, estão abrindo um espaço cultural na Casa de Ensino, que conta com a parceria do SEBRAE para levar profissionais renomados para dar cursos de produção. A princípio o curso é básico para qualquer produção cultural; depois visa o direcionamento específico de cada produtor-teatro, cinema e outros seguimentos. Além disso, o SEBRAE vai oferecer Banco de Dados que funcionará como cadastro de todos os espaços culturais disponíveis no Estado, cerca de 1400; o

acesso a esses dados será feito através de disquetes vendidos nos balcões SEBRAE.

"O Banco de Dados cadastrará também, mediante pagamento de taxa inicial, todos os artistas e produtores, cerca de 200 mil no mercado. Este setor, além de mostrar a fatia considerável de artistas/produtores, que fazem parte do mercado, apresentará o currículo e telefone de contacto", declara Fernando Portela, que acredita que ter um cadastro apresentando esta parcela significativa que movimenta o mercado é fundamental para estabelecer uma nova visão sobre a importância da produção cultural.

A produtora Eveli Ficher acha que o melhor do programa de Parceria Cultural é que ele oferece exatamente estrutura "no teatro o produtor acaba fazendo tudo. Ele tem que captar e dirigir a produção. Se nós já tivéssemos estrutura, teríamos conquistado o mercado. Além disso, ter essa estrutura vinda de uma instituição como o SEBRAE é maravilhoso", acrescenta Eveli Ficher.

A interferência do Banco de Dados não pára por aí. Para quem estiver cadastrado, o SEBRAE servirá como intermediário em um ou dois projetos ou eventos, ao ano, idealizados pelo produtor. Neste caso o SEBRAE funcionará como intermediário nas negociações com a empresa, que também deverá estar cadastrada no sistema. ■

Flávio Graff

SEBRAE
Serviço de cadastro para empresas,
artistas e produtores.
Tel.: 0800-782-020



Gruta do Museu da República

Sábado e Domingo
às 20h

Ingresso: R\$10,00

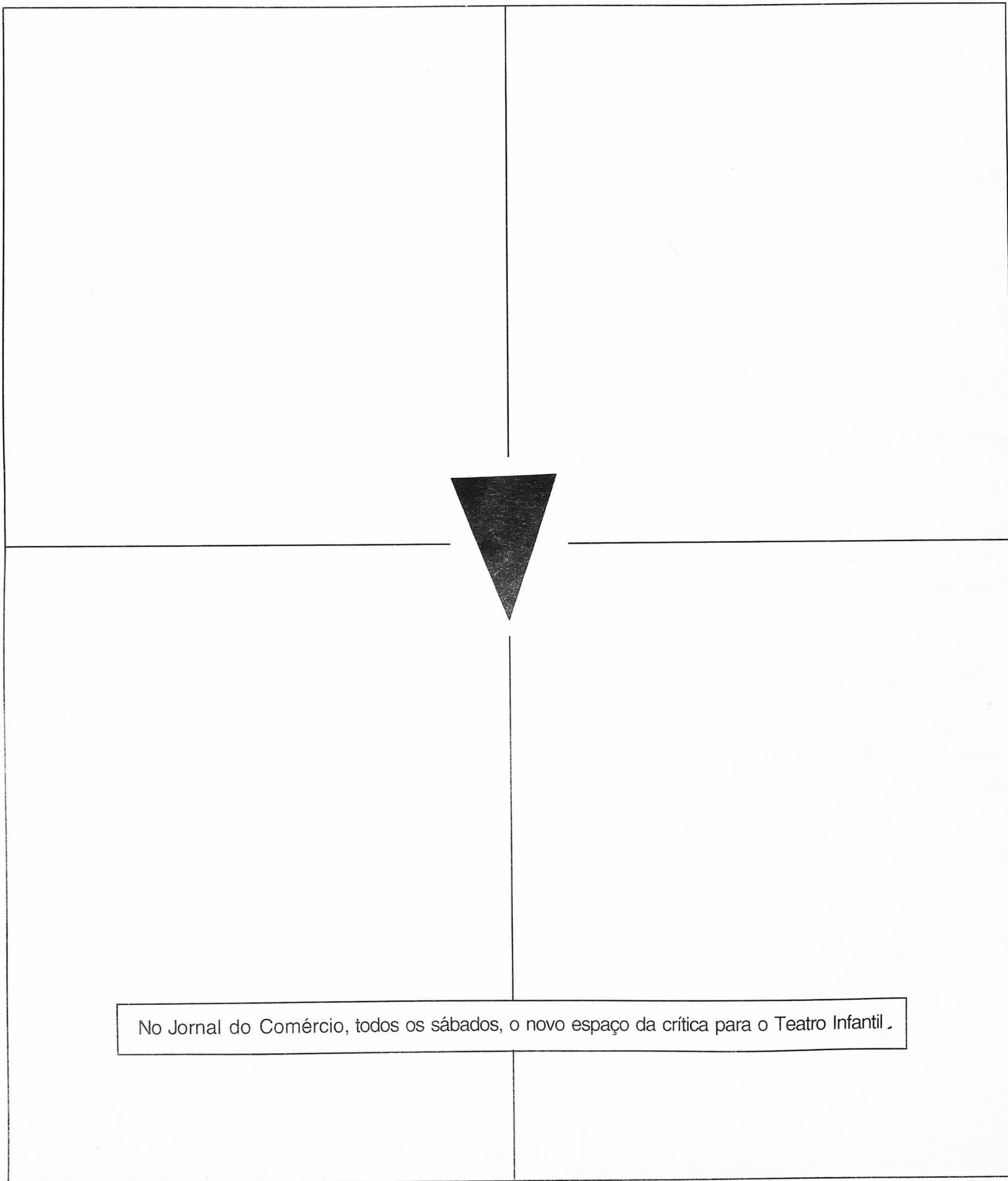
Rua do Catete, 153
Tel.: 205-4238



PROGRAMAÇÃO
VISUAL

Marcelo Martins

tel: 294-4599



No Jornal do Comércio, todos os sábados, o novo espaço da crítica para o Teatro Infantil .